

VÁRIA

Nótulas arqueológicas sôbre a estação luso-romana de Fiães-da-Feira

I

PONDUS ROMANO

Ao estudarmos um pêso bizantino — *uncia* — encontrado em Braga, especialmente interessante por que a marca ponderal é feita por duas letras de prata embutidas no bronze (1), referimos-nos a alguns outros *pondera* dêste tipo encontrados em Portugal. Figura entre êles um pêso correspondente à libra encontrada em Fiães-da-Feira, até agora inédito, embora citado já por Rui de Serpa Pinto (2), e que pertence desde há tempos ao Museu Ar-

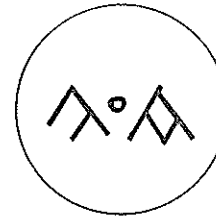


Fig. 1 — (X 1)

queológico do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto, onde podemos examiná-lo.

Tem a mesma forma de esfera truncada e as mesmas iniciais, separadas também por um ponto intermédio (fig. 1), do *pondus* achado em Cordova e descrito no *Corp. Inscr. Lat.*, Supl. II, 6245.

Pesa 323^{gr},8, correspondendo portanto à libra romana cujo valor era de 327^{gr},45.

Tem de altura 0^m,0375, o diâmetro no bojo é de 0^m,0414 e nas

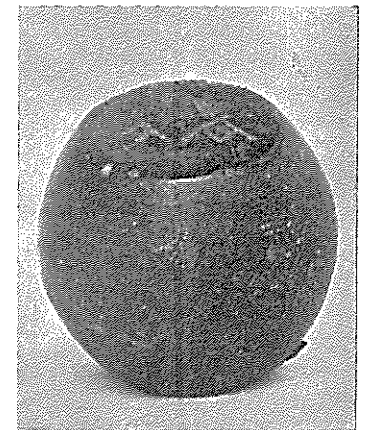


Fig. 2 — (X 1)

(1) Carlos Teixeira, *Um pêso bizantino inédito de Braga*, in « Alto Minho », n.º 3; Viana do Castelo, 1935.

(2) Rui de Serpa Pinto, *Centipondium de Belmonte*, « Rev. de Guimarães », n.ºs 3-4, vol. XXXIX, 1929.

bases de 0^m,0275. As suas dimensões são ligeiramente diferentes das duma outra libra encontrada em Alfazeirão (1) também semelhante à de Cordova mas sem o ponto intermédio separando os sinais ponderais.

Recordamo-nos ainda de ter visto, por cativante gentileza do Sr. Prof. V. Correia, no Museu de Machado de Castro em Coimbra, um peso semelhante, encontrado nas ruínas de Conimbriga, carinhosamente estudadas por aquêle illustre arqueólogo.

II

LUCERNAS

Entre os muitos e valiosos objectos provenientes da citada estação luso-romana e recentemente adquiridos pelo Instituto



Fig. 3

de Antropologia da Universidade do Pôrto para o seu museu arqueológico, há um grande número de peças cerâmicas, muitas

(1) J. Carvalhães, O «Arch. Port.», VIII, Lisboa, 1903.

delas patenteando curiosos motivos ornamentais, dentre as quais sobressai pela delicadeza de confecção e abundância de ornatos, uma típica lucerna, infelizmente partida e incompleta.

Confeccionada com barro claro finamente micáceo, esta interessante lucerna tem a forma oval, a asa perfurada e o bico reduzido, à volta do qual se nota ainda um resíduo carbonoso, evidenciando a sua utilização.

O *margo* é profusamente ornamentado, com motivos geométricos onde figuram círculos, fiadas de pontos em relevo e cordões paralelos ligados por trabéculas formando ornatos escalariformes, (fig. 3).

O *disco* apresenta uma forma curiosa e pouco vulgar, pois é canelado como se fôra uma concha, faltando-lhe a parte central onde estava situado o orifício do *infundíbulo*.

O fundo, em grande parte desaparecido, era também ornamentado.

Pelos caracteres que apresenta esta lucerna deve ser considerada na classificação de Fink como pertencendo ao IV grupo, isto é, posterior ao século II.

No espólio desta estação arqueológica há ainda restos de duas outras lucernas, mas tão reduzidos e fragmentados que não merece a pena descrevê-los.

CARLOS TEIXEIRA.

Nota de etnografia moçambicana.

— A caça do elefante no distrito de Tete

Quem pretenda abater elefantes, necessita, primeiro que tudo, contratar um «gueiro» (1), a quem satisfaz o pagamento inicial de 25\$000 a 30\$000 réis, em fazendas diversas, afora as armas, a pólvora e as espoletas.

Recebendo-o, obriga-se o caçador a ir para o mato e trabalhar até ter feito boa caça, e o patrão, caso a empresa seja feliz, a dar-lhe, no regresso, uma gratificação proporcional ao marfim adquirido; isto independente do primeiro pagamento que recebeu.

Logo que o caçador recebe o pagamento da entrada, trata de procurar uma «gôna» afamada, isto é, um talismã infalível para obter boa caça ao elefante e que já tivesse sido experi-

(1) Gueiro é um grupo composto de um mestre caçador com cinco ou seis discípulos ou ajudantes.

mentada, com feliz sucesso, por um outro caçador. Pelas «gônas» pagam-se muitas vezes importâncias relativamente grandes. Ainda que o caçador negro seja um antigo Nemrod, não é capaz de aproximar-se de um elefante sem ter «manquára» (1), isto é, mênina própria para o efeito.

É tão grande a fé nestes talismans, que o caçador, no acto de atirar sôbre o elefante, se lhe aproxima tão de perto, que acontece encontrar-se a bucha da carga dentro da ferida feita pela bala.

As «gônas» são geralmente uma mistura infernal de decoções de várias plantas. Guardam-nas em pequenas panelas e embrulhadas em peles de carneiro, leopardo ou outras, e são transportadas pelo mais novo dos discípulos do caçador.

Existem também doutores cafreais que vendem «manquáras» para encontrar o marfim de elefantes que, de tiro, velhice ou doença, têm morrido em lugares ignorados no interior do mato, e estes curandeiros, ou como melhor se lhes possa chamar, para confecção das mesmas chegam muitas vezes a praticar actos de verdadeiro canibalismo, hoje raros, devido à constante vigilância das autoridades.

Alguns matam crianças de pouca idade para misturar o sangue ainda tépido na panela da «manquára». Contam-se casos de cenas e práticas horripilantes, não só para êste fim, mas para muitos outros, que não podem ser descritos por causa da sua imensa obscenidade.

A aguardente desempenha um papel importante na vida dos caçadores. Em seguida a receberem o pagamento, não podem os caçadores deixar de pedir aguardente para oferecê-la aos seus «muzimos» (2), pedindo-lhes em suas preces para os acompanhar nas suas expedições ao mato e ajudá-los na caça. Em lugar apropriado e em presença de alguns parentes seus, é a garrafa de aguardente esvaziada no chão, sendo o acto acompanhado de um

(1) Manquáras ou manquálas, designam-se assim todos os remédios ou mêninas cafreais e até mesmo as drogas usadas nas farmácias.

(2) Muzimos — almas dos antepassados. Na 1.ª década de João de Barros (1552) aparece uma referência a muzimo. Os indígenas da região do Benomotapa ou Monomotapa seriam «mui dispostos a aceitar a fé cristã «porque crêem em um só Deus a que eles chamam Mozimo». Na *Ethiopia Oriental*, de Frei João dos Santos (ed. Lisboa, 1891), a pág. 69, se faz também referência a muzimos: «Estes cafres tem muitos dias de guarda em que não trabalham, dados pelo rei, sem eles saberem a que hora, nem porque causa lhos mandam guardar, somente sabem quando vem os tais dias, em que fazem grandes festas e bailes. Chamam a estes dias muzimos, que quer dizer almas de santos já defuntos, e tenho para mim que à honra dêstes seus negros santos guardam estes dias». — (S. J.)

pequeno discurso que cada oferente dirige ao seu «muzimo», explicando-lhe os seus desejos. O «muzimo» é sempre a alma de um seu próximo parente, pai ou avô.

É só depois dêste sacrificio, o qual é seguido de danças acompanhadas de tambores feitos de orelhas de elefantes, que o caçador se acha habilitado à ir para o mato.

Parte então para ali, se não encontrou um mau sinal no caminho, como, por exemplo, algumas cobras de má reputação, um camaleão ou qualquer outro animalejo fatídico. Um tal acontecimento é muitas vezes suficiente para êle, sem detença, retroceder para os seus lares, ainda que tenha já feito dias e dias de viagem.

Se o caçador chega, porém, sem acidente, ao território onde vai caçar, tendo escolhido uma povoação em que se encontre um «chomare» (1), estabelece-se, procura recursos de farinha para alguns dias e visita os sertões.

Encontrando o elefante, é o mestre que se aproxima, ficando perto os discípulos para o ajudarem e para lhe chegarem as armas carregadas, se por acaso o primeiro tiro, o que quasi sempre acontece, não foi mortal. De pontaria nem é bom falar, e só se explica que morram assim elefantes porque os caçadores indígenas confiando, como se disse, nas suas «manquáras», têm um grande sangue frio, aproximando-se muitas vezes a cinco ou seis passos dos elefantes, crentes de que êles não serão capazes de lhes oferecer a menor resistência, nem causar o mínimo dano, aterrados pela fôrça de tal medicina. Não obstante ser o elefante um animal muito pacífico e quasi sempre tímido à vista do homem, é, quando ferido, um inimigo terrível, e todos os anos muitos caçadores perdem a vida com tais imprudências.

Se o caçador foi feliz no ataque e o elefante caiu morto, corta-lhe logo a tromba e chupa-lhe o sangue ainda quente. É, segundo a sua imaginação e segundo as suas crenças tradicionais, uma cerimónia indispensável para poder, de futuro, matar outros.

Depois corta a carne em tiras e extrai o marfim para voltar à povoação, onde é recebido com muitas demonstrações de alegria. As *beldades* da povoação lançam-lhe farinha na cabeça, em sinal de felicitação. O marfim só é levado para a povoação se o chefe da terra é um amigo de confiança e o caçador não tem a temer que lhe exijam a entrega do dente de baixo, tributo que, quasi sempre, impõem os donos das terras, pois que, segundo os

(1) Chomare — amigo.

usos dos sertões, que são leis, lhes pertence o dente que toca o chão quando o elefante cai.

Antigamente os caçadores de elefantes tinham impiedosos inimigos: eram as caravanas de comerciantes árabes que, saindo de Zânzibar e de outras partes, atravessavam a África central fazendo o tráfico de escravos e de marfim.

Se, ao passarem em sítios onde se caçava, eram atraídos pelo estampido dos tiros, e se, ao aproximarem-se, encontravam os caçadores já desprevenidos na faina de cortar a carne, e o seu número não os intimidava, ali logo se travava a luta, má sempre para os caçadores, que, em menor fôrça, eram batidos, roubados, mortos ou vendidos como escravos. Se ao elefante se fazia caça pertinaz, não menos pertinaz era a caça que, por muitos modos, se fazia ao caçador.

JAIME LINO (1).

Os marcadores das «águas de rega» em S. Nicolau de Basto

Preguntei, um dia, ao pároco de uma aldeia do Douro por que motivo o relógio da igreja não acompanhava a mudança da hora, decretada em diploma governamental e levada pelas gazetas aos quatro cantos do País?

Respondeu-me que os lavradores lhe haviam manifestado a conveniência de não mexer com as horas para não os prejudicar na distribuição das águas, pois no primeiro dia da alteração havia prejuízo de 1 hora e no último dia sucedia o mesmo. De resto os paroquianos bem sabiam que a hora «velha» fazia 1 hora de diferença da hora «nova» e êle, pároco, tinha sempre o cuidado de, ao marcar o serviço-religioso, indicar a hora a que se referia.

O relógio do velho convento estava, assim, sem culpa, e durante alguns meses, em absoluto desacôrdo com o relógio da

(1) O Sr. Jaime Lino, antigo funcionário do quadro administrativo de Moçambique, quando em 1908 desempenhava funções de autoridade na Macanga, relacionou-se no Chifumbazi com o súbdito alemão Carl Wiese, então arrendatário dos prazos entre o Luia e o Aruangua Grande. Com elementos fornecidos por Carl Wiese organizou a presente nota, cuja cópia obsequiosamente me ofereceu, quando em Setembro de 1937 passei por Tete como encarregado da Missão de Estudos Antropológicos, Arqueológicos e Etnográficos de Moçambique. Ao Sr. Jaime Lino, que tanto interêsse tem manifestado pelo estudo da Zambézia, os meus agradecimentos — Santos Júnior.

estação do caminho de ferro — distante um tiro de espingarda — mas o povo nem por isso perdia o combóio, tão afeito a essa divergência.

Se, sem a preciosa linfa, as plantações estiolam, mirradas, podia lá consentir-se a perca de uma hora de água!? Por bom e mau tempo não calculriavam os caseiros quilómetros e quilómetros, de noite e de dia, para que nem uma gota se perdesse, para que outros a não «tralhassem» para as suas glebas?

Por causa de águas de rega têm-se travado enormes e sangrentos conflitos, cavado dissensões que se transmitem de geração em geração, originado processos e questões que arruinaram muitos casais. Se nem os mais conceituados tratadistas se entendem com tão complexo problema...!?

Porém... em S. Nicolau de Basto, freguesia menos extensa, na verdade, mas aonde não faltam lavradores, o relógio paroquial acompanha a dança das horas. Não se sentiam, então, lesados como os seus colegas da freguesia duriense?

Indaguei e informaram-me que a marcação do «deitar e tornar» as águas não dependia, nem obedecia ao relógio da igreja; as horas que êste marcava em nada interessavam a agricultura!

Como se arranjavam, então, em assunto tão melindroso sem levantar conflitos, queixumes ou atritos?

Duma forma muito curiosa, oriunda de tempos de antanho, e que, felizmente para a etnologia, continua a vigorar intangível neste século de invenções, artimanhas e... contos do vigário...

Gondarem é o lugar mais populoso da freguesia, e, como tal, em tempos mui distantes ali assentaram arraiais as casas de maior valor agrícola. Tendo conseguido uma levada ou regueira trazida de Busteliberne — lá muito longe, nos contrafortes de Barroso — os seis casais — da Fonte, Loureiro, Portela, Carvalhinha, do Dias e do Rey — dividiram entre si essa água — 4 horas em cada andada.

Para marcar o tempo pertencente a cada quinhão, para regular tão equitativa partilha, serviram-se de padrões que escapam à curiosidade ou olhar do transeunte e, desta forma, se livram de que os iconoclastas modernos os danifiquem ou destruam.

Como são êsses relógios, verdadeiros cronómetros, insensíveis ao calor e à humidade, pelos quais há centenas de anos se regem, e continuam a reger, intérrimas gerações de lavradores?

Duma simplicidade pasmosa! mas, quanto porfiaram em conhecimentos astronómicos, canseiras, cuidados e rectidão para que êsses marcos afrontassem, incólumes, o dobar dos anos, a febre progressiva das descobertas e engenhos vindouros!?

Lá se conservam e conservarão a regular e dirigir a partilha justa, legal, equitativa das águas de Gondarem.

Em frente dum moínho — o Moínho do Pires — e entalada na parede dum campo levanta-se uma pedra igual às restantes. Nessa pedra, porém, cavaram uma pequena concha — *fossette*? — de 8 centímetros de diâmetro por 1,30 de fundo aproximadamente, virada a E. — é o relógio das 7 da manhã. Quando o sol brilha na cova, o lavrador toma conta da sua água e só a deixa, ou «torna» quando, em outra lage que serve de leite ao véelho e íngreme córrego de Salto, o sol incide perpendicularmente na covita — é o marcador das 11. Em um muro, ao lado do caminho, uma concha em outra pedra, virada a W. marca as 3 horas, e, antes de se afogar no horizonte o sol lança um derradeiro olhar à cova das 7 da tarde, vizinha da anterior.

À noite, a estrêla da «meia-noite» diz que lhe são 11 horas; a de Pero-Negro indica as 3 e a estrêla da manhã anuncia as 7. Mas, no inverno, nos dias álgidos, chuvosos, inclementes, quando o sol não pode nimbar as covitas — autênticos mostradores — como se regulam?

Por cálculo ou estimativa, embora afirmem que uma tênue claridade bruxoleia nos bordos das conchas, e, é tal a exactidão, — o saber de experiência feito — que não consta que lavrador algum se tenha queixado de fraude, roubo ou vigarice...

Quantas questões e prejuízos, porém, se tivessem de regular essa partilha pelo desacêrto dos relógios públicos da cidade!?

Em outro local — «Entre-Moínhos» — ao canto duma gleba, uma pedra única marca as 7, as 11 e as 3 conforme a orientação em que rasgaram as conchas.

É curioso que, aqui, a marcação foi feita na mesma pedra, enquanto no «Moínho do Pires» os mostradores são em pedras diferentes.

Costumes primitivos, extravagantes?

Talvez; mas se os têm religiosamente seguido e avaramente conservado centenas de gerações, não os devemos destruir com pruridos de civilizados, antes respeitá-los em nome de uma tradição velha de muitos séculos.

Que fica... quando a Tradição se perde?

26 de Abril de 1938.

JOAQUIM FERNANDES FIGUEIRA.

Lutuosa

Perdeu recentemente a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia dois dos seus mais ilustres sócios correspondentes, os Profs. René Verneau e Nello Puccioni. O primeiro, antigo director da importante revista da especialidade *L'Anthropologie*, de Paris, e igualmente antigo director do Museu Etnográfico do Trocadero, na capital francesa, sucedeu a Quatrefages na cátedra de Antropologia do Museu de História Natural, de Paris. Era um dos mais categorizados representantes da escola antropológica francesa, autor de numerosos trabalhos desta ciência, e, além disso, figura de grande relêvo moral. Celebrizaram-no sobretudo os seus estudos sobre os Guanches, sobre possíveis sobrevivências da raça fóssil de Cro-Magnon, sobre antigos Patagões, sobre os restos esqueléticos das grutas de Grimaldi, entre os quais individualizou um tipo negróide, e ainda sobre outros negróides pré-históricos e modernos na Europa. O Prof. Verneau esteve em Portugal em 1930, tomando parte no XV Congresso Internacional de Antropologia e Etnologia, que se efectuou em Coimbra e Pôrto. Foi uma das figuras proeminentes desse e doutros Congressos científicos.

Nello Puccioni, professor de antropologia em Florença, colaborador de Mocchi, elemento de relêvo na Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia, era também sócio correspondente da nossa Sociedade quasi desde a sua fundação. Autor de muitos trabalhos antropológicos, deixou importantes estudos originaes sobre a mandíbula, Eútopes, alguns restos pré-históricos, etc., e ainda recentemente publicou vários grossos volumes sobre os resultados dos estudos duma missão antropológica na Cirenaica. Quem escreve estas linhas não esquece a acolhedora hospitalidade com que pelo saudável antropologista foi recebido há 12 anos em Florença.

Embora não fôsse membro da Sociedade Portuguesa de Antropologia, o Prof. Léonce Joleaud, há pouco falecido, não deve ser omitido nesta breve homenagem a cultores da Antropologia recentemente desaparecidos do número dos vivos. O Prof. Joleaud, catedrático de Paleontologia na Sorbonne, era uma das figuras de maior relêvo na Ciência francesa contemporânea. Alguns dos seus importantes estudos referem-se a paleontologia humana e relacionam-se com a etnografia. Têm para nós especial interêsse os referentes à África do Norte. Várias vezes na crónica

bibliográfica da nossa revista aludimos ao labor magnífico do Prof. Joleaud, que veio a Portugal em 1935 assistir ao Congresso Internacional de Zoologia. Guardamos do seu convívio pessoal e científico a mais grata e saudável impressão.

O nosso país também nestes últimos tempos perdeu dois dos seus melhores valores nas ciências antropológicas. Referimo-nos aos nossos consócios Cónego António de Miranda Magalhães e dr. José Salinas Calado. O primeiro, conhecedor emérito das línguas bantos, foi, além disso, um distinto colonialista. É fundamental o seu livro sôbre as línguas indígenas de Angola, e têm grande interêsse as suas observações etnológicas sôbre os Luangos dos Dembos e outras populações de Angola, Cabo Verde e Guiné. Consagrara-se últimamente com êxito ao estudo das migrações africanas em face dos elementos fornecidos pela lingüística. Do assunto se ocupou no I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado em 1934 no Pôrto, Congresso em que foi uma das individualidades proeminentes. De excelentes qualidades de inteligência e coração, o Cónego Miranda Magalhães era um missionário da Religião e da Ciência. A sua morte inesperada inibiu-o de cumprir uma promessa que nos fizera, de vir à Sociedade de Antropologia apresentar em sessão especial um importante estudo em que estava trabalhando.

O sr. dr. José Salinas Calado, figura prestimosa e de grande relêvo social na Figueira da Foz, mantinha nobremente aceso ali o culto da tradição do grande investigador dr. Santos Rocha. Nomeado director do Museu Municipal que o eminente arqueólogo organizara e a que com justiça fôra dado o nome de Santos Rocha, interessava-se vivamente pelos estudos arqueológicos, etnográficos e de história local. Ingressara há pouco na nossa Sociedade que da sua colaboração muito esperava. A sua morte constituiu para todos uma dolorosa surprêsa.

A Sociedade prestou, em sessões científicas, homenagem aos saudosos extintos a que se refere êste necrológio. Renovamos, porém, nestas linhas a expressão do nosso pesar por tão grandes perdas para esta colectividade e para as ciências antropológicas.

MENDES CORRÊA.

